

DESAFIOS DA ALFABETIZAÇÃO ESCOLAR NA EDUCAÇÃO BÁSICA PÓS-PANDEMIA DA COVID-19

 <https://doi.org/10.56238/arev7n5-447>

Data de submissão: 31/04/2025

Data de publicação: 31/05/2025

Anália Pereira de Souza

Discente do curso de licenciatura em pedagogia – EAD da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB)
pereiraanalia836@gmail.com

Wermerson Meira Silva

Doutor no Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (PPGMLS-UESB) e Professor Adjunto da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB).
wermerson@uesb.edu.br

Cristina Silva dos Santos

Doutora no Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (PPGMLS-UESB) e Professora Adjunta da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB).
cristinasantos@uesb.edu.br

Daisy Laraine Moraes de Assis

Doutora no Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (PPGMLS-UESB) e Professora Adjunta da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB).
dassis@uesb.edu.br

RESUMO

O presente artigo aborda estudos sobre os desafios do ciclo da alfabetização pós-pandemia da Covid-19. Esse texto tem a seguinte problematização: Quais os desafios do ciclo de alfabetização enfrentados pelos professores pós-pandemia da Covid-19? Tem como objetivo geral investigar os desafios enfrentados pelos professores no ciclo de alfabetização pós-pandemia da Covid-19. Bem como, os objetivos específicos: analisar como a pandemia impactou nos processos de ensino e aprendizagem; compreender os conceitos e processos de alfabetização acerca das práticas pedagógicas e identificar os autores que dialogam sobre as estratégias pedagógicas utilizadas por professores/as alfabetizadores/as no período pós-pandemia. Para a realização desta pesquisa, foi realizado uma pesquisa bibliográfica, de abordagem qualitativa, a fim de fornecer uma compreensão mais profunda e abrangente desse fenômeno educacional. Apesar dos avanços, um longo caminho precisa ser percorrido para que os estudantes possam sanar os déficits de aprendizagem causada pela pandemia da COVID 19.

Palavras-chave: Educação. Alfabetização. Pós-Pandemia.

1 INTRODUÇÃO

O surgimento da covid-19 causou um grande impacto no mundo e, por isso, a educação foi bastante afetada, inclusive na área da alfabetização. Historicamente o processo de alfabetização no Brasil sempre sofreu mudanças, ao longo dos anos, pois é um processo marcado por um acentuado fracasso, mas que se agravou após o período pandêmico da COVID-19, em março de 2020.

A importância de se compreender os desafios enfrentados na pós-pandemia dá-se pelo fato da pandemia do Covid-19 ter ocasionado inúmeros transtornos não só para saúde e a economia, mas também para a educação.

A alfabetização é um alicerce fundamental no processo educacional, proporcionando não apenas a habilidade de ler e escrever, mas também abre portas para a compreensão do mundo e o desenvolvimento de habilidades cognitivas essenciais. Ela permite que as pessoas se comuniquem de maneira eficaz por meio da linguagem escrita. Essa habilidade é crucial para a participação plena na sociedade, seja no ambiente acadêmico, profissional ou social. Indivíduos alfabetizados têm acesso a livros, jornais, internet e uma variedade de recursos que contribuem para o aprendizado contínuo e a compreensão do mundo ao seu redor. A alfabetização confere poder às pessoas, permitindo-lhes expressar suas ideias, defender seus direitos e participar ativamente na tomada de decisões que afetam suas vidas.

Infelizmente, os desafios da alfabetização no pós-pandemia do coronavírus foi o desfasamento do processo de alfabetização de milhares de crianças ao redor do mundo, devido ao longo período em que as aulas foram suspensas ou aconteceram no formato online, houve queda abrupta na motivação e engajamento dos estudantes devido à mudança no ambiente educacional. Além disso, a disparidade no acesso a dispositivos eletrônicos e conectividade à internet fez com que muitos alunos em áreas de baixa renda enfrentassem maiores desafios tecnológicos.

Desta forma tem-se a seguinte problematização: Quais os desafios do ciclo de alfabetização enfrentados pelos professores pós-pandemia da Covid-19? Percebe-se que o ciclo de alfabetização é essencial para a educação e para o desenvolvimento do indivíduo, no entanto há muitos conflitos durante esses processos, e estes se agravaram ainda mais a partir das mudanças no ensino durante a pandemia. O impacto na alfabetização nos pós-pandemia é uma indagação recorrente que por sua vez necessitamos averiguar e nos preparar para solucionar os possíveis impactos de defasagens de aprendizagem.

O presente artigo, tem como objetivo geral investigar os desafios enfrentados pelos professores no ciclo de alfabetização pós-pandemia da Covid-19. Bem como, os objetivos específicos: analisar como a pandemia impactou nos processos de ensino e aprendizagem; compreender o processo

de alfabetização acerca das práticas pedagógicas e identificar os autores que dialogam sobre as estratégias pedagógicas utilizadas por professores/as alfabetizadores/as no período pós-pandemia.

Essa pesquisa, justifica-se pela relevância e carência de estudo acerca da alfabetização, por ser este um assunto amplamente discutido, uma vez que compreendendo tais dinâmicas e as demandas presentes no campo da alfabetização, o pedagogo poderá ajudar a encontrar alternativas para possíveis necessidades.

Esse artigo é composto por essa introdução, três tópicos de desenvolvimento, delineado pelos objetivos específicos da pesquisa, bem como o referencial teórico, a metodologia da pesquisa, resultados e discussões finalizando com as considerações finais e referências bibliográficas.

2 METODOLOGIA

O procedimento metodológico partiu-se da pesquisa bibliográfica de abordagem qualitativo. Para maior aproveitamento do conteúdo, várias pesquisas foram realizadas em sites e livros. Considerando que esta abordagem proporciona resultados significativos na área educacional, para no sentido de oportunizar ao pesquisador uma visão mais ampla no cotidiano escolar, além de produzir conhecimentos e contribuir para a transformação da realidade de cada estudante no processo educativo.

Segundo Gill (1999, p. p.65),

A pesquisa bibliográfica é desenvolvida a partir de material já elaborado, constituindo principalmente de livros e artigos científicos. Embora e quase todos os estudos sejam exigidos algum tipo de trabalho, desta natureza, há pesquisas desenvolvidas exclusivamente a partir de fontes bibliográficas.

A pesquisa bibliográfica foi realizada a partir de estudos de materiais publicados, constituído principalmente de livros e artigos já disponibilizados na Internet para levantamento da situação em questão, fundamentação teórica e justificar os limites e contribuições da própria pesquisa.

3 IMPACTOS DA PANDEMIA NO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM

Os impactos da pandemia no processo de ensino e aprendizagem foi significativo em diversos aspectos. No contexto do Brasil, a situação não foi diferente, levando estudantes e professores a tomarem contato com novos arranjos de aulas com os quais não estavam familiarizados. A nível acadêmico ou escolar, novas exigências e adequações foram, portanto, necessárias para o segmento de suas atividades. A mais notável dessas mudanças se deu na transferência do ensino presencial para o

remoto, constituído de demandas síncronas e assíncronas e massivo suporte de mídias tecnológicas (Neves; Valdegil; Sabino, 2021).

Além das dificuldades de adequação ao ensino remoto, em relação à perspectiva técnica, os professores, por sua vez, tiveram sua carga laboral aumentada e seu trabalho ainda mais diversificado pela nova estruturação do trabalho, a exemplo de gravação de aulas, edição de vídeos, atendimento a estudantes em grupos de aplicativos mensageiros e reunião com coordenadores escolares de acordo com as variações do cenário pandêmico e na iminência de novos decretos do poder público. Fatos esses capazes de afetar diretamente instâncias psíquicas e motivacionais, afetando a relação com os alunos e, consequentemente, a qualidade do processo de ensino-aprendizagem (Souza et al., 2021; Charczuk, 2021).

Com ensino remoto, a interrupção das aulas presenciais e as mudanças nas dinâmicas escolares tiveram repercussões em diferentes níveis. Sendo que nem todos os alunos tiveram acesso igualitário a recursos tecnológicos e à internet, o que dificultou a continuidade do aprendizado. Isso ampliou as desigualdades educacionais já existentes, afetando especialmente os alunos de famílias de baixa renda. No entanto, o impacto sobre os estudantes em fase de alfabetização foi mais forte. A aprendizagem da leitura e escrita demanda mediações sociais e pedagógicas mais intensas e isso não era possível no ensino remoto.

A necessidade de adaptação a um novo formato de ensino, o distanciamento social e a incerteza causada pela pandemia afetaram o bem-estar emocional e o processo de aprendizagem. Diante desse cenário, é importante considerar os desafios enfrentados durante a pandemia e buscar estratégias para mitigar seus impactos no processo de ensino e aprendizagem. A valorização da formação continuada dos professores e a busca por práticas pedagógicas inovadoras são aspectos fundamentais para superar as consequências da pandemia no âmbito educacional.

3.1 CONCEITOS DAS PRÁTICAS DE ALFABETIZAÇÃO

Os processos de alfabetização iniciam-se de forma assistemática, contínua e cedo na vida da criança, no cotidiano familiar e social. Trata-se de um processo que ocorre de forma oral, escrita ou através de gestos com os quais a criança tem contato frequente. Em outras palavras, a criança já inicia o seu processo de alfabetização ainda na primeira infância e antes mesmo de entrar no contexto escolar, em seu ambiente familiar, através das interações em conversas sobre materiais escritos, na leitura de histórias realizada por pessoas próximas e por meio do contato com textos que estão disponíveis em diferentes suportes (em revistas, jornais, celulares, TV, computadores ou em outdoors). Mesmo que elas não compreendam exatamente o que está escrito ali, as crianças sabem que significam e dizem

alguma coisa. Esse primeiro contato permite o desenvolvimento de diferentes conhecimentos sobre a língua escrita, que ajudam no processo formal de alfabetização.

No contexto escolar, é nos primeiros anos do ensino fundamental que ocorre o início formal do processo de alfabetização e letramento. Os/as professores/as que assumem a mediação desse processo deparam-se com grandes desafios, pois é necessário que fiquem atentos às crianças em suas necessidades de aprendizagem, realizando, quando necessário, intervenções pedagógicas por meio de diversas metodologias de ensino. Para o sucesso no desenvolvimento das habilidades de escrita e leitura é essencial que as crianças estejam motivadas, respeitando o tempo e as suas formas de aprendizagem. Por isso, deve-se pensar e utilizar práticas/estratégias que auxiliem na apropriação da leitura e escrita. Rojo (2002, p.67 e 68) cita que

Um bom trabalho de alfabetização precisa levar em conta o processo de ensino e de aprendizagem de maneira equilibrada e adequada. O professor tem uma tarefa a realizar em sala de aula e não pode ser um mero expectador do que faz o aluno ou um simples facilitador do processo de aprendizagem, apenas passando tarefas. Cabe a ele ensinar também e, assim, ajudar cada aluno a dar um passo adiante e progredir na construção de seus conhecimentos.

Nesse contexto, as práticas alfabetizadoras podem ser entendidas como um conjunto de estratégias e abordagens com atividades voltadas para o desenvolvimento das habilidades de leitura e escrita dos indivíduos que estão em processo de alfabetização.

As práticas alfabetizadoras desenvolvidas pelos professores(as) devem estar comprometidas com as exigências impostas pelo currículo escolar, mas devendo realizar transformações ou adaptações seguindo as necessidades da sua turma no processo de alfabetização. Mesmo que as práticas utilizadas sejam as mesmas com todos os estudantes, cada estudante responderá a elas de forma diferente. Na sala de aula, há diferentes níveis de aprendizagem, que se tornam um desafio para o professor(a) alfabetizador(a).

A psicogênese da língua escrita é o caminho que as crianças percorrem na apropriação da língua escrita, voltando-se para a compreensão de como elas aprendem. Pesquisa feita por Emilia Ferreiro e Ana Teberosky, nos anos 1970, possibilita compreender a alfabetização não como um método simples a ser seguido pelos professores para que as crianças memorizem e se apossem do alfabeto, mas como um processo complexo e multifacetado cognitivamente que ocorre quando as crianças se apropriam do sistema de escrita alfabetica. Por meio dos estudos dessas autoras, a psicogênese da língua escrita descreve como as crianças se apropriam da cultura escrita; entretanto, não prescreve uma metodologia, ou inventa práticas pedagógicas de alfabetização. FERREIRO, TEBEROSKY, (1986).

Segundo Magda Soares (2020), a alfabetização proporciona ao sujeito a capacidade de ler e escrever, pois é o processo pelo qual a pessoa adquire o domínio de um código e das habilidades de

utilizá-lo, ou seja, ela permite que se tenha o domínio de técnicas para exercer a arte e a ciência da escrita e também do desenvolvimento de novas formas de compreensão e interpretação e uso da linguagem de uma maneira geral e sempre socialmente situada. Dessa forma, é preciso, também, não só saber ler e escrever, mas ler e escrever em situações específicas, fazer uso de forma autônoma e crescer através dessa apropriação. É nesse sentido que Paulo Freire (1989) já nos ensinou há bastante tempo que a leitura do mundo precede a leitura da palavra.

Além disso, Freire (1983) pontua que a alfabetização é um ato fundador, onde se aprende de forma crítica, e o educando entende que ler e escrever é uma necessidade e que ele é o executor dessa aprendizagem, ou seja, o conceito de alfabetização para Freire vai além do domínio do código escrito. Para este autor “[...] o ato de estudar, enquanto ato curioso do sujeito diante do mundo é expressão da forma de estar sendo dos seres humanos, como seres sociais, históricos, seres fazedores, transformadores, que não apenas sabem, mas sabem que sabem.” (Freire, 2009, p.60).

Sabe-se que a criança não chega à sala de aula vazia de conhecimentos e saberes no que se refere a sua vida; então, devemos aproveitar todo o conjunto de informações que já carregam. Dessa forma o diagnóstico é de suma importância, principalmente na pandemia quando outras propostas pedagógicas de trabalho, elaboração de projetos e unidades avaliativas deveriam ser pensadas, estruturadas para avançar na alfabetização das crianças e procurar trabalhar e desenvolver o que não foi possível no período de pandemia.

As atividades desenvolvidas pela escola possibilitam, para além da compreensão para a importância da leitura e da escrita, o desenvolvimento cognitivo e a socialização das crianças, conforme posto por Soares (2020). Já no remoto, na pandemia, tudo teve que ser aligeirado, pois não houve tempo necessário de repensar as práticas pedagógicas que se inseriram nas demandas da tecnologia e de outros tempos pedagógicos estranhos ao cotidiano da escola, no modelo presencial, repercutindo nos resultados do processo de alfabetização infantil.

A escola tem a função educativa e o papel social de alfabetizar, porque a alfabetização é um direito e por meio dela a criança aprende a ler e a escrever o mundo a partir do que a escola ensina e do que ela vive fora da escola. Compreender os desafios atuais da alfabetização escolar em tempos pandêmicos é criar condições para que escola, professores(as) e familiares tenham igualmente condições de trabalharem juntos para poderem vencer os desafios dessa nova realidade educacional e social.

Atualmente, podemos identificar variados métodos para a alfabetização, cada escola utiliza as estratégias pedagógicas que lhe parecem mais favoráveis e produtivas para alcançar os objetivos pedagógicos da alfabetização de forma a garantir, com qualidade, a continuidade da escolarização.

Diante dessa realidade e finalidade, o importante é sempre ensinar com amor e humanização levando em conta a bagagem do contexto escolar, social e cultural que a criança carrega.

A alfabetização é definida por Soares (2020) como aquisição do sistema convencional de escrita, já o letramento é entendido como o uso competente da leitura e da escrita nas práticas sociais. Embora sejam processos distintos, são interdependentes e indissociáveis. Nesse sentido, a alfabetização só se efetiva quando é desenvolvida no contexto de práticas sociais, ou seja, de letramento. No percurso da formação profissional na área educacional, percebe-se que a formação continuada de professores, tem proporcionado diversos conhecimentos e contribuído com novas reflexões sobre a teoria e prática docente. Embora alguns professores ainda apresentem resistência ao participarem, de forma espontânea das formações continuadas, sabe-se que se trata de uma condição essencial no campo educacional. Assim, presume-se que a partir da formação continuada, esta contribuirá para enriquecer a prática pedagógica docente.

Essas práticas visam proporcionar um ambiente rico em estímulos para que os indivíduos possam construir o conhecimento sobre a linguagem escrita de forma significativa. Isso pode incluir atividades lúdicas, leitura de textos diversos, produção de textos, jogos educativos, interação com diferentes gêneros textuais, entre outras abordagens.

Além disso, as práticas de alfabetização devem considerar as particularidades e necessidades de cada aprendiz, respeitando seu ritmo de desenvolvimento e promovendo uma abordagem inclusiva. A diversidade linguística e cultural também deve ser valorizada nesse contexto, permitindo que os indivíduos se reconheçam e se expressem por meio da linguagem escrita.

Portanto, as práticas de alfabetização têm como objetivo não apenas ensinar a ler e escrever, mas também desenvolver o gosto pela leitura, estimular a criatividade e promover a reflexão crítica por meio da linguagem. Essa abordagem contribui para a formação de cidadãos mais autônomos, capazes de utilizar a escrita como ferramenta para sua participação ativa na sociedade.

3.2 ESTRATÉGIAS PEDAGÓGICAS UTILIZADAS POR PROFESSORES/AS ALFABETIZADORES/AS NO PERÍODO PÓS-PANDEMIA

A imprevisibilidade trazida pela pandemia da COVID-19, exigiu reestruturação dos sistemas de ensino que em curto tempo necessitou de equipamentos que possibilitassem acesso às reuniões e aulas *on-line*, como microfones, câmeras e computadores, além do aprendizado rápido para utilizar essas tecnologias como meio de interação e mediação das aulas. Ou seja, as atividades eram disponibilizadas pelas professoras por meio de plataformas digitais ou disponibilizadas para a retirada

na escola. As aulas ocorriam por meio do *Google Meet* ou com vídeo aulas disponibilizadas em grupo de *WhatsApp*.

Essas ferramentas são utilizadas pelas docentes buscando garantir e consolidar o processo de alfabetização dos alunos que sofreram com os impactos causados pela pandemia da COVID-19. Dessa forma podem ser adaptadas para atender às necessidades específicas dos alunos e garantir um ambiente de aprendizado seguro e eficaz.

Luiz, (2020), nos aponta alguns desafios de alfabetizar nesse cenário de pandemia, dizendo que:

Surge um conjunto de fatores que podem afetar o processo de alfabetização no período da pandemia: internet de boa qualidade, dificuldade de acompanhamento pelas famílias, falta de recursos como computador, notebooks, tablets (dos professores e dos estudantes), e pouca ou nenhuma destreza no uso das ferramentas digitais, etc. (p.22).

Segundo a autora, nos deparamos com um grande problema no que diz respeito ao acesso das crianças das escolas públicas aos recursos tecnológicos, o acompanhamento das famílias nesse processo de aprendizagem da leitura e da escrita, e, também, a dificuldade de manusear as ferramentas digitais, ou melhor dizendo, as plataformas de ensino.

Magda Soares também apontou alguns desafios enfrentados pelos/as professores/as alfabetizadores/as neste cenário do ensino remoto, em uma entrevista concedida em setembro de 2020, ao Canal Futura, na qual disse que:

A atual pandemia veio acrescentar novos desafios, afastando as crianças das escolas e das alfabetizadoras na fase fundamental do processo de escolarização. Por um lado, foi interrompido o processo de alfabetização no UESB – Campus de Jequié, jun. 2021. início do período em que a interação alfabetizadora-criança é indispensável, pois a aprendizagem do sistema de escrita alfabetica depende da compreensão bem orientada das relações oralidade-escrita (Soares, 2020).

Diante disso, não apenas os recursos tecnológicos, a falta de manuseio dessas ferramentas e o acompanhamento da família são desafios de alfabetizar no período pandêmico e pós pandêmico. Magda Soares (2020) traz um elemento essencial como desafio: as interações entre os professores e os alunos no processo de aprendizagem inicial da leitura e da escrita. Essa lacuna existente acaba fazendo com o que o professor reinvente as suas práticas pedagógicas, uma vez que não é a mesma coisa interagir remotamente com as crianças, igualmente fazia-se na presencialmente.

As marcas deixadas pela pandemia na educação são muitas. Às escolas e às famílias, agora, cabe o desafio de ajudar crianças e adolescentes a se tornarem adultos de um novo tempo na sociedade brasileira.

A escola como lócus de transmissão do saber científico e literário, deve, portanto, propiciar a relação do letramento com práticas de alfabetização, direcionadas para aspectos linguísticos.

Assim, a escola deve propor diferentes estratégias de leitura e de escrita visando favorecer ao estudante a aprendizagem por meio de atividades contextualizadas, atrativas e diversificadas, mobilizando seu interesse na construção do saber. Nesse sentido, faz-se necessário motivá-los às novas descobertas, para que avancem no nível de compreensão de leitura e de escrita por meio das práticas sociais, sem perder de vista, o respeito pelas especificidades e limitações da criança durante o processo de aprendizagem. Tomando ainda como exemplo a necessidade do uso de metodologias inovadoras, pressupõem-se que a busca por novas propostas de intervenções na alfabetização, possam suprir as possíveis lacunas decorrentes do cenário pós ensino remoto dos anos de 2020 e 2021, e que estão sendo refletidas diariamente em salas de aula, principalmente nos anos iniciais. Contudo, observa-se o grande desafio que os professores estão enfrentando no contexto escolar, ao se desdobrarem, na busca incessante de tentar recuperar as defasagens de ensino e de aprendizagem, que foram instaladas na alfabetização durante o período pandêmico.

3.3 O ENSINO REMOTO COMO PRÁTICA NA PANDEMIA

O ensino remoto usa a tecnologia para tentar reproduzir a atuação na sala de aula, lógica distinta da desenvolvida nos cursos EAD, formatados a partir de outros parâmetros. Segundo Aragón (2020, p. 8), "o presencial funciona de uma forma diferente do que se faz na EAD, mas como os professores não têm o preparo específico, só conseguem imaginar a sua aula sendo transmitida".

A autora ainda destaca que o ensino remoto posto em prática de modo emergencial pelas escolas é completamente diferente do ensino a distância (EAD), comum no ensino superior. Nas faculdades, os cursos de EAD são planejados, com profissionais especializados e ambiente tecnológico estruturado, além de alunos conscientes das particularidades de tal modalidade educacional.

De acordo com Freire (1992, p. 225), garantir o direito à alfabetização de todas as crianças no contexto atual nos desafia a transpor vários obstáculos. O autor chama de "atos limites" as ações necessárias para romper as "situações limites". Para Freire (1983), o conceito de alfabetização vai além do domínio do código escrito.

Segundo Rojo (2002, p. 67-68), um bom trabalho de alfabetização precisa levar em conta o processo de ensino e de aprendizagem de maneira equilibrada e adequada. Neves, Valdegil e Sabino (2021) apontam que a mais notável dessas mudanças se deu na transferência do ensino presencial para o remoto, constituído de demandas síncronas e assíncronas e massivo suporte de mídias tecnológicas.

Luiz (2020) destaca os fatores que podem afetar o processo de alfabetização no período da pandemia: internet de boa qualidade, dificuldade de acompanhamento pelas famílias, falta de recursos como computador, notebooks, tablets (dos professores e dos estudantes), e pouca ou nenhuma destreza no uso das ferramentas digitais.

Soares (2020) aborda as interações entre os professores e os alunos no processo de aprendizagem inicial da leitura e da escrita. Em uma entrevista concedida em setembro de 2020 ao Canal Futura, a autora também fala que a atual pandemia veio acrescentar novos desafios, afastando as crianças das escolas e das alfabetizadoras na fase fundamental do processo de escolarização.

Souza et al. (2021) e Charczuk (2021) abordam os fatos capazes de afetar diretamente instâncias psíquicas e motivacionais, afetando a relação com os alunos e, consequentemente, a qualidade do processo de ensino-aprendizagem. Teberosky e Ferreiro, em sua obra "Psicogênese da Língua Escrita", apresentam os processos de aprendizado das crianças, chegando a conclusões que puseram em questão os métodos tradicionais de ensino da leitura e da escrita. afirma que a aprendizagem das crianças foi a mais prejudicada no período da pandemia, principalmente das que se encontram na fase de alfabetização

4 CONCLUSÃO

A responsabilidade de lidar com os prejuízos causados pelo ensino remoto na educação é compartilhada por diversos atores, incluindo governos, escolas, professores, alunos, pais, comunidades locais e o setor privado. Isso significa que os educadores e as instituições devem trabalhar para criar um ambiente de aprendizagem que seja inclusivo, motivador e que atenda às necessidades emocionais e sociais dos estudantes, além de promover o crescimento intelectual. Essa abordagem integral é essencial para garantir um desenvolvimento educacional completo e bem-sucedido.

Além dos prejuízos no ensino formal, efeitos negativos também foram percebidos nas questões emocionais e relacionais dos filhos. O contato com outras pessoas da mesma idade é muito importante para o desenvolvimento e amadurecimento das crianças e adolescentes. Por consequência, ao serem privados dessa convivência, o processo de aprendizagem dos alunos sofreu um impacto bastante negativo.

É importante ressaltar que os reflexos da pandemia na Educação não foram somente negativos. Houve também aspectos positivos como o avanço da tecnologia, a aceleração do ensino híbrido e ganhos no desenvolvimento das habilidades socioemocionais dos estudantes, como a maturidade e a organização para lidar com a autonomia imposta no ensino a distância.

Para minimizar estes prejuízos, de forma que essas dificuldades não persistam, o atendimento individualizado e o contato próximo com cada estudante possibilitam oferecer suporte para as suas possíveis dificuldades ou para o avanço de desempenho. Esse é um diferencial importante no acompanhamento estudantil para o alto desempenho. No entanto, ainda é difícil mensurar por quanto tempo as dificuldades trazidas pela pandemia serão sentidas pelos estudantes, tendo em vista o universo de disparidades existente nos diversos níveis de ensino na educação brasileira.

O apoio dos pais na organização de um ambiente que favoreça o aprendizado e na estruturação da rotina escolar dos filhos é fundamental para a continuidade do processo de escolarização. Cabe aos pais, nesse momento, reagir com acolhimento, paciência e empatia, reconhecendo que seus filhos sentem falta do ambiente escolar, que estão produzindo, que estão cansados e sem muitos recursos para gastar a energia acumulada. É preciso reconhecer todos os sentimentos, tentar ressignificá-los, valorizar as pequenas conquistas e proporcionar um ambiente tranquilo e favorável para que os filhos continuem ativos, produzindo e, acima de tudo, felizes.

A utilização de recursos tecnológicos e a adaptação do currículo buscam maneiras mais eficazes de ensinar e personalizar a experiência educacional para atender às necessidades individuais de cada aluno. É importante reconhecer a complexidade dos desafios enfrentados pelas crianças durante a pandemia e a necessidade de uma abordagem abrangente e colaborativa para garantir que todos os alunos tenham a oportunidade de recuperar e progredir em sua educação, assegurando, assim, o direito de aprender de cada estudante.

A garantia da aprendizagem no retorno pós-pandemia implica o desenvolvimento de uma política educacional ampla, intersetorial e planejada, estruturada a partir de diagnósticos que evidenciem desafios e possibilidades. Esta deve envolver a participação dos diferentes membros da comunidade escolar e local, promovendo as condições necessárias para o rompimento das barreiras que dificultam a garantia do direito de aprender de cada estudante.

É notório que isso só se torna possível quando as redes de ensino e as escolas desenvolvem uma política educacional estruturada em eixos. De igual modo, é necessário dispor de profissionais comprometidos, responsáveis, dinâmicos, com habilidades para resolver problemas e tomar decisões, movidos pelo engajamento e pelo compromisso social e político. Nesse processo, é essencial que todos os profissionais que atuam na área da educação se comprometam em desenvolver o trabalho na perspectiva da garantia de direitos, reconhecendo a aprendizagem compatível com o ano cursado e, notadamente, a alfabetização como condição basilar para a conquista de outros direitos sociais.

Levando em consideração os aspectos mencionados, ficou evidenciado que a alfabetização é fundamental e necessária. Entretanto, para alfabetizar, não basta conhecer a respeito da história ou da

parte teórica sobre como se dá esse processo. É necessária uma junção da teoria com a prática que envolva inovações, materiais lúdicos, paciência e dedicação. O ciclo de alfabetização é essencial para a educação e para o desenvolvimento do indivíduo; no entanto, há muitos conflitos durante esse processo, e estes se agravaram ainda mais a partir das mudanças no ensino durante a pandemia. O impacto na alfabetização no pós-pandemia é uma indagação recorrente que necessita ser averiguada, preparando-nos para solucionar os possíveis impactos de defasagens de aprendizagem.

Estes impasses não são exclusivos dos alunos que se encontram no ciclo de alfabetização, mas constituem a realidade de muitos alunos em diferentes níveis e modalidades da educação nacional. Entretanto, no ciclo alfabetico, a discussão é ainda mais densa por se idealizar neste o vislumbre à construção da leitura e da aquisição e apropriação da escrita, princípios necessários ao desenvolvimento das mais variadas habilidades, capacidades e competências no contexto escolar e extraescolar.

Conclui-se que, apesar dos avanços, um longo caminho precisa ser percorrido para que os estudantes possam sanar a falta de aprendizagem ocorrida durante a pandemia, sendo necessário investir continuamente em políticas destinadas à garantia dos direitos das crianças e dos adolescentes, com foco na recomposição da aprendizagem.

REFERÊNCIAS

ARAGÓN, Rosane. Educação pós-coronavírus: mais tecnologias digitais e novos ecossistemas pedagógicos. GaúchaZH, 2020. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/comportamento/noticia/2020/04/educacao-pos-coronavirus-mais-tecnologias-digitais-e-novos-ecossistemas-pedagogicos-ck9d76jx6004n017n2unxog1q.html>. Acesso em: 10 jul. 2024.

DOMINGOS, Antônia Aline de Sousa et al. Desafios da alfabetização e letramento nos pós-pandemia. 2023. Disponível em: <https://uniateneu.edu.br/wp-content/uploads/2023/04/TCC30.pdf>. Acesso em: 19 jul. 2023.

OLIVEIRA, Karen Guedes et al. A pandemia da COVID-19 e o sentido na vida: uma intervenção educacional. *Emancipação*, v. 23, p. 1–16, 2023.

FERREIRO, Emília; TEBEROSKY, Ana; LICHTENSTEIN, Diana Myriam. *Psicogênese da língua escrita*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1986.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido*. 3. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1992.

GIL, Antônio Carlos. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

LUIZ, Silvania. Alfabetização na pandemia: realidades e desafios. 2020. 38 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) – Universidade Federal da Paraíba, Paraíba, 2020. Disponível em: https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/19167?locale=pt_BR. Acesso em: 2 out. 2023.

NEVES, Vanusa Nascimento Sabino; VALDEGIL, Daniel de Assis; SABINO, Raquel do Nascimento. Ensino remoto emergencial durante a pandemia de COVID-19 no Brasil: estado da arte. *Práticas Educativas, Memórias e Oralidades* – Rev. Pemo, v. 3, n. 2, p. e325271, 2021.

ROJO, Roxane Helena R. (org.). *Alfabetização e letramento: perspectivas linguísticas*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2002.

SILVA, Roseane Pereira da. Leitura e escrita na alfabetização. In: MORAIS, Artur Gomes; ALBUQUERQUE, Eliana Borges Correia de; LEAL, Telma Ferraz (org.). *Alfabetização: apropriação do sistema de escrita alfabética*. Belo Horizonte: Autêntica, 2005. p. 133–146.

SOARES, Magda. Como fica a alfabetização e o letramento durante a pandemia? Canal Futura, 8 set. 2020. Disponível em: <https://www.futura.org.br/como-fica-a-alfabetizacao-e-o-letramento-durante-a-pandemia/>. Acesso em: 2 out. 2023.

SOUZA, Katia Reis de et al. Trabalho remoto, saúde docente e greve virtual em cenário de pandemia. *Trabalho, Educação e Saúde*, v. 19, p. e00309141, 2020.

UNESCO. A Comissão Futuros da Educação da Unesco apela ao planejamento antecipado contra o aumento das desigualdades após a COVID-19. Paris: Unesco, 16 abr. 2020. Disponível em: <https://pt.unesco.org/news/comissao-futuros-da-educacao-da-unesco-apela-ao-planejamento-antecipado-o-aumento-das>. Acesso em: 4 jul. 2024.